

# UM ESTUDO DAS CORES NO BAIÃO DE PRINCESAS DA CASA FANTI-ASHANTI EM SÃO LUÍS - MARANHÃO

## A COLOR STUDY IN THE PRINCESS BAY OF FANTI-ASHANTI HOUSE IN SAO LUIS – MARANHÃO

Walter Rodrigues Marques<sup>1</sup>  
Luís Félix de Barros Vieira Rocha<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo faz uma descrição das cores no ritual da festa Baião de Princesas ligado à cura/pajelança realizado no dia 13 de dezembro de 2012 na Casa Fanti-Ashanti (terreiro de Mina e Candomblé, em São Luís do Maranhão). O objetivo deste artigo é fazer um estudo das cores das indumentárias (*bantés*) usadas pelas filhas de santo (*vodunsis*) e das cores na decoração do Terreiro (Casa Fanti-Ashanti) no intuito de estabelecer conexões com o ensino de Arte, conforme preconiza a Lei 10.639/2003 (torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica). A partir do que refere a Lei, foi realizada pesquisa de campo em terreiro, do tipo estudo de caso, pretendendo inserir a visualidade do terreiro na disciplina Arte por meio do conteúdo *fundamentos da linguagem visual*. Fez-se um estudo histórico da cor passando pelo uso que os gregos, romanos e a Renascença fizeram dela. A base teórica da pesquisa sustenta-se em autores como: Pedrosa, Chagas, Rousseau, – teorias da cor; Machado e Araújo, Mattos – educação em terreiro; Turner – antropologia do processo ritual e, a Lei nº 10.639/2003 - educação antirracista. As indumentárias do ritual Baião de Princesas são bastante coloridas, o que torna possível para as práticas do terreiro serem inseridas como conteúdo na disciplina Arte (*fundamentos da linguagem visual*) no estudo das cores no currículo da educação básica (conforme Lei 10.639/2003; MARANHÃO, 2017), uma vez que a festa Baião de Princesas, por seu colorido, oferece material substancial para as práticas escolares no tocante à cor.

**Palavras-chave:** Arte. Baião de Princesas. Cor e simbologia. Ritual. Religião afro-diaspórica.

### ABSTRACT

The article gives a description of the colors in the ritual of the Baião de Princesas celebration linked to healing / pajelança held on December 13, 2012 at Casa Fanti-Ashanti (Terreiro de Mina e Candomblé, in São Luís do Maranhão). The aim of this article is to study the colors of the costumes (*bantés*) used by the daughters of saints (*vodunsis*) and the colors in the decoration of the Terreiro (Casa Fanti-Ashanti) in

---

<sup>1</sup>Mestre em Educação - Gestão de Ensino da Educação Básica - pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica, da Universidade Federal do Maranhão. Servidor da Secretaria de Estado da Educação do Maranhão. E-mail: walterkeyko@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0002-8744-2180>.

<sup>2</sup>Mestre em Educação - Gestão de Ensino da Educação Básica pela Universidade Federal do Maranhão. Servidor da Secretaria Municipal de Educação de Matões do Norte (SEMED). [felix\\_rocha\\_luis@yahoo.com.br](mailto:felix_rocha_luis@yahoo.com.br). <http://orcid.org/0000-0002-9309-3175>.

order to establish connections with the teaching of art, as recommended by Law 10.639 / 2003 (obliges the teaching of African and Afro-Brazilian history and culture in basic education). Based on the Law, a field study was carried out in a terreiro, a case study, aiming to insert the terreiro's visuality in the Art discipline through the fundamentals of visual language. A historical study of color was made through the use that the Greeks, Romans, and the Renaissance made of it. The theoretical basis of the research is based on authors such as: Pedrosa, Chagas, Rousseau, - color theories; Machado e Araújo, Mattos - terreiro education; Turner - anthropology of the ritual process and, Law No. 10,639 / 2003 - anti-racist education. The costumes of the Baião de Princesas ritual are very colorful, which makes it possible for the terreiros practices to be inserted as content in the discipline Art (fundamentals of visual language) in the study of colors in the basic education curriculum (according to Law 10.639 / 2003; MARANHÃO, 2017), as the Baião de Princesas party, because of its color, offers substantial material for school practices regarding color.

**Keywords:** Art. *Baião de Princesas*. Color and symbolism. Ritual. Afro-diasporic religion.

Submissão: 30 out. 2019. Aprovação: 27 dez. 2019.

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo da história e cultura africana e afro-diaspórico assim como do universo afro-religioso brasileiro não é tarefa simples. Descrever um ritual religioso de terreiro é bem mais complicado, tendo em vista que muitos dos elementos ali presentes escapam até mesmo para o mais experiente pesquisador. O delineamento de uma pesquisa pressupõe um recorte do todo. Foi escolhido para esta pesquisa, o estudo das cores presentes nas indumentárias das *vodunsis* assim como do espaço físico do Terreiro.

O artigo é resultado de uma pesquisa de campo do tipo estudo de caso, realizada na Casa Fanti-Ashanti (terreiro de Mina e Candomblé) no dia 13 de dezembro de 2012 no Bairro do Cruzeiro do Anil em São Luís do Maranhão, onde foram analisadas as cores das indumentárias e do espaço do terreiro, na festa “Baião de Princesas”.

Como problema de pesquisa, o artigo chama a atenção para a questão desses elementos da cultura africana não serem considerados tema comum nos currículos escolares, mesmo fazendo parte do *modus vivendi* dos povos de terreiro que no mundo social, são orientados a viverem a vida do outro – o elemento étnico branco, que a cultura ocidental estabeleceu como sendo o modo certo de vida assim como a forma detentora da verdade sobre a vida humana.

A pesquisa baseou-se no que preconiza a Lei nº 10.639/2003 sobre o ensino da história e cultura dos africanos e afro-brasileiros na educação básica (BRASIL, 2003). Com a pretensão de inserir no estudo da disciplina Arte conforme preconiza a Lei referida, por exemplo, as visualidades africanas, realizou-se uma pesquisa sobre um ritual bastante colorido (Baião de Princesas) no intuito de descrever o uso das cores das indumentárias das *vodunsis*. O objetivo deste artigo é fazer um estudo das cores das indumentárias (*bantés*) usadas pelas filhas de santo (*vodunsis*) e das cores na decoração do Terreiro (Casa Fanti-Ashanti) no intuito de estabelecer conexões com o ensino de Arte. Conforme preconiza a Lei 10.639/2003, o estudo da história e cultura africana e afro-brasileira é obrigatório na educação básica na rede pública e privada básica (BRASIL, 2003). A partir do que refere a Lei, foi realizada pesquisa de campo em terreiro, do tipo estudo de caso, pretendendo inserir a visualidade do terreiro na disciplina Arte.

O artigo discute o que o terreiro representa e/ou produz, enquanto visualidade no tocante à disciplina Arte, sobre a história e cultura dos africanos e diáspora africana, inserindo no ensino de Arte, essas visualidades por meio das cores na festa Baião de Princesas. Conforme as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (MARANHÃO, 2017), pretende-se inserir nas aulas de arte, no conteúdo dos fundamentos da linguagem visual – estudo da cor, a temática da educação em terreiro a partir de questões relacionadas às práticas rituais africanas, brasileiras e maranhense como o Baião de Princesas, no intuito de superar o preconceito aos povos de terreiro, às culturas africanas, sobretudo com as religiões.

O estudo se justifica por embasar-se no pressuposto de que os povos de terreiro são parte da cultura brasileira, a religião e seus modos de vida são parte dessa cultura. Logo, esses modos de vida devem ser vistos e respeitados em sua totalidade. Para a pesquisa empírica, observou-se as cores da indumentária das *vodunsis* no dia 13 de dezembro do ano de 2012. Fez-se uma descrição das cores presentes nas indumentárias e analisou-se à luz da teoria das cores. O artigo está dividido em duas partes: a primeira apresenta as teorizações da cor e a segunda discorre sobre a descrição das indumentárias das cores do ritual Baião de Princesas da Casa Fanti-Ashanti.

Discorre-se sobre as ideias de pesquisadores que se aprofundaram no estudo das cores para fundamentar a pesquisa em uma casa de religião de matriz africana

que é descrever um ritual que ocorre anualmente na casa Fanti-Ashanti. Para dar sustentação teórica sobre as práticas afro-diaspóricas, escolheu-se os artigos de Machado e Araújo (2018) e Mattos (2018), por tratarem de pesquisa análoga que é relacionar a arte à religião afro-brasileira e principalmente a relação da arte com o terreiro, tecido deste estudo que é focado na cor e sua simbologia no terreiro do babalorixá Pai Euclides – a casa Fanti-Ashanti – e a arte produzida especialmente para o Baião de Princesas.

Na visão cromática, a cor é percebida de formas distintas. A partir da assimilação cromática pode-se transmitir informações e aguçar as sensações numa estreita relação com o homem, caracterizando-se esse ato perceptivo como função da cor. A cor é de suma importância para reconhecer e perceber o espaço, pois ela contribui significativamente para a organização dos variados estímulos visuais captados pela visão e que compõem informações fundamentais ao cérebro.

## **2 A SIMBOLOGIA NO ESTUDO CROMÁTICO DO BAIÃO DE PRINCESAS**

O Baião de Princesas da Casa Fanti-Ashanti é um ritual de matriz africana e evidencia as cores em sua totalidade. As cores fazem parte desse ritual, estando presentes nas roupas, adereços e decoração da Casa, seja por meio das comidas, dos enfeites da Casa, ou das pinturas rituais dos iniciados. Enfim, o jogo em torno das cores é carregado de um significado extremo e é central na representação do ritual. Segundo Turner (2013, p. 23), o estudo de Monica Wilson com o povo *nyakyusa*, da Tanzânia, sobre rituais, descreve que: “Os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo [...] os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados”. Os rituais são demonstrações práticas e simbólicas da valoração que os povos expressam, seja o ritual uma prática religiosa ou social. A partir do que se objetiva com este artigo que é fazer um estudo das cores baseado nas indumentárias (*bantés*) usadas pelas filhas de santo (*vodunsis* - cada *vodunsi* usa a cor preferida pela entidade que representa) e das cores na decoração do Terreiro (Casa Fanti-Ashanti), pretende-se estabelecer conexões com o ensino de Arte, fundamentado na linguagem visual que é conteúdo do currículo da educação básica do Maranhão (MARANHÃO, 2017). Conforme preconiza a Lei 10.639/2003, o estudo da história e cultura africana e afro-brasileira é obrigatório na

educação básica na rede pública e privada. Portanto, o artigo visa descrever a arte produzida em terreiro por meio da análise das indumentárias das *vodunsis* da Casa Fanti-Ashanti, aprofundando-se na cor como elemento de análise. Araújo e Machado (2018) promovem a ‘arte dos povos de terreiro’ como uma busca de alteridade e desmistificação dessa produção que é vista pelo discurso do Ocidente em seu determinismo social dos artefatos como fantasmagórica. Araújo e Machado (2018) levantam a ideia de que foi Picasso um artista que buscou quebrar essa hegemonia da arte ocidental ao pintar “*Les Femmes d'Alger (O Grande Baie)*”<sup>3</sup>. Picasso representa mulheres com a temática cubista com máscaras africanas.

Mattos (2018) ao discorrer sobre a representação preconceituosa do negro na visualidade brasileira, deixa claro que o início da organização do Estado/Império brasileiro, não seria possível não fosse o negro e o índio. As artes plásticas desenvolvidas em solo brasileiro naquela época, tem o tempero africano contido nela. A estética negra está imbricada na realidade brasileira daquele período, pois os ritos católicos eram preparados por mãos negras (escravas) que trouxeram para cá, saberes milenares de manejo tecnológico metais como o ferro, bronze, marfim, ouro, a madeira. Portanto, desprezar o intelecto africano só pode ser compreendido quando se considera a visão colonial de ideologia Ocidental.

A descrição de Mattos (2018) sobre a produção artística negra no passado do Brasil faz remeter ao papel de Pai Euclides à frente da Casa Fanti-Ashanti, cuja trajetória é revigorante. Portanto, tomando-se por base a organização e a realização do Baião de Princesas aos moldes de um ritual já extinto (o do Terreiro do Egito), faz pensar que ele buscava manter viva a memória do Egito [terreiro] assim como manter viva também a memória de seus antepassados, de sua gente, dos afro-diaspóricos e fazendo arte. Arte na costura, arte no bordado, no ensaio, na música e na dança – no ritual.

Presenciou-se no dia 13 de dezembro de 2012 a festa do Baião de Princesas, especialmente as cores presentes no ritual. Buscou-se dessa maneira, destacar as cores nas indumentárias das dançantes (*vodunsis*) e nas bandeiras hasteadas no teto do barracão nas cores azul e branco. Isso chamou muito nossa atenção. É neste salão principal que ocorrem os rituais e se pode fazer analogia a essas cores

---

<sup>3</sup> Tela cubista do pintor espanhol Pablo Picasso. A tela é representada por figura de mulheres com o rosto marcado por traços cubistas e com elementos de máscaras africanas.

R. Bibliomar, São Luís, v. 18, n. 2, p. 78-95, jul./dez. 2019.

como simbolizando o céu. Segundo Dondis (2003), a cor é uma das mais penetrantes experiências visuais que a maioria das pessoas tem em comum. Para Souza (2009, p. 15), a cor azul significa profundidade, é introvertida e discreta e é a cor preferida pelos adultos, podendo exprimir lembranças distantes. Já a cor branca traduz “[...] pureza e sempre relacionada a um sentimento de paz e solidão.” (SOUZA, 2009, p. 15). Segundo o site Ombala Tumbansi (2009, não paginado):

O BRANCO: é uma cor de passagem, a passagem da morte ao renascimento, a mutação de um ser. É igualmente a cor de Deus (ligado aos ancestrais) representam a luminosidade, a inocência, a pureza e a retidão. Essa cor é fabricada a partir do kaolin ou de cal esfarelado (outras vezes podem ser de casca de caracol, de casca de ovos, excrementos de lagartas ou de cobras sacralizada). Em certas vilas do norte do Nvari-Kwilu o kaolin significa luto, e só serve para decorar os túmulos.

Representa-se o teto do salão onde ocorreu o Baião de Princesas a disposição das bandeiras na cor azul e branco, conforme pode ser observado na Figura 1.

Figura 1 – Barracão do Baião de Princesas



Fonte: Os autores.

O significado da cor branca é muito variado, representa a pureza, leveza e paz. Esta cor simboliza proteção, alegria, conforto, o amor de Deus, paz espiritual. Pedrosa (2009, p. 130) comenta: “Nas primitivas populações agrárias e dedicadas ao pastoreio, o culto da cor branca se ligava intimamente ao sentido de pureza e princípios vitais vinculados à farinha e ao leite.”

O branco é o resultado da mistura de todos os matizes do espectro solar, é a síntese aditiva das luzes coloridas. Já do ponto de vista físico, essa cor é a soma de todas as outras cores e psicologicamente, é a ausência delas. O branco é o ponto extremo das escalas, para a luz ou para a treva. Ainda Pedrosa (2009, p. 130)

orienta sobre o significado do branco: “Em vários rituais místicos, a cor indicativa das mutações e transições do ser [...] Em todo pensamento simbólico, a morte precede a vida, todo nascimento é um renascimento. Daí a ideia primitiva do branco como cor da morte e do luto.”. O branco sugere pureza e o infinito, evoca o frio e a umidade, sobretudo, quando combinado com o azul.

A cor azul assim como a branca tem múltiplos significados, ela é uma das cores que pode ser observada diariamente no cotidiano, representa a cor do planeta Terra. Para Rousseau (1980, p. 37),

O azul é uma cor que representa a realeza, a aristocracia, simboliza o frescor, estabilidade, lealdade, confiança, sabedoria, inteligência, fé, verdade, eternidade, a tranquilidade do ser humano, por isso ela está associada ao céu. É a cor do espírito e do pensamento. Simboliza a lealdade, a fidelidade, a personalidade e sutileza. Simboliza também o ideal e o sonho. Produz ternura, afetuosidade, paz de espírito e segurança. Simboliza devoção, fé, aspirações elevadas, sinceridade, confiança e tranquilidade. O azul transmite e favorece a compreensão. É a cor do bem estar e do raciocínio lógico. É a única que tem poder de desintegrar energias negativas, favorecendo a paciência, a amabilidade e a serenidade.

Segundo Rousseau (1980), seja como for o azul celeste a cor do céu tem sido necessariamente associada, no espírito dos homens, a uma ideia de elevação de leveza, de ar, de esferas inacessíveis, ao menos pelo corpo. Esse azul é o ar, o céu e a luz que, do mesmo modo que o ar envolve os seres vivos, os domina, provocando neles, as emanções de vida. A cor azul está presente no cotidiano, ela é facilmente identificada nas pigmentações dos tecidos e até mesmo na cor do céu.

Para Nunes (1993) A visão do planeta Terra, tanto de fora como de dentro é azul, hoje, sem nenhuma dificuldade, essa visão belíssima, pode ser desfrutada quase diariamente, pelas fotos das naves espaciais. A partir dessa peculiaridade de detalhes, não será difícil uma avaliação da importância da cor azul em tudo que possa se referir ao mundo.

O homem e a cor possuem uma relação estreita, pois a cor surge através do mecanismo da visão, baseado no aparelho óptico, em conexão com o cérebro. Também o componente psicológico está incluso, pois ele possui uma afinidade entre cor e vivência e, cor e memória. A percepção cromática é um fenômeno individual e subjetivo possuindo uma relação homem e cor significativa. Chagas (2010) diz que a cor é um elemento importante na definição da identidade do homem, havendo cores associadas do passado. Quando o homem recorre a uma determinada memória está também recorrendo a determinadas cores. Se a memória é tão importante na

construção da identidade humana, então a cor é um elemento fundamental na definição dessa identidade. As imagens que o homem tem de cada lugar existe em função das cores e são possíveis pelo recurso da memória.

Considera-se que a cor é entendida pelo ser humano de forma variada, compreendida pela percepção subjetiva de cada um, de acordo com a sua experiência e cultura pessoal. Percebe-se no ritual do Baião de Princesas que as blusas das *vodunsis* seguiam uma cor padrão (branco), como também está presente em muitos outros rituais religiosos de matriz africana, em contraste com as saias que se apresentam com variação cromática.

Pôde-se observar no Terreiro, no momento que as *vodunsis* estão no salão principal com suas saias típicas do Tambor de Mina de cores variadas, que as saias longas possuíam quatro cores diferentes: azul claro, verde, laranja e rosa e, só uma possuía um estilo de saia *adamascado*<sup>4</sup>, além dos *banté* que tinham as cores branca, rosa e amarelo, ambas com desenhos estilizados com borboleta e flor, conforme pode ser visto na Figura 2.

Figura 2 - Baião de Princesas



Fonte: Os autores.

Chagas (2010), diz que a cor sempre foi utilizada como um símbolo e elemento conceitual, sendo o conceito variável consoante à estrutura de cada sociedade. As componentes simbólicas das cores fazem parte da vida humana. Muitos dos rituais celebrados recorrem simbolicamente a determinadas cores, das

<sup>4</sup>Esse tecido possui desenhos brilhantes e opacos podem ser de seda, raiom, linho ou algodão. É muito usado nas roupas femininas. (Disponível em: <http://modaspot.abril.com.br/spot-doc/dicionario-da-moda/adamascado>).

quais o preto, o branco e o vermelho são os mais predominantes. A simbologia da cor nasce na Idade Média, por volta do século XII, momento em que surge a heráldica. Esse sistema de cor era considerado como absoluto, desconhecendo as outras variações de cor.

A heráldica possuía em sua estrutura seis cores designadas a seguir: branco, amarelo, vermelho, preta, azul e verde, mais tarde foi acrescentado a sétima cor, o cinzento violáceo e,

A simbologia da cor remonta ao período medieval, quando no século XII surgiu a heráldica, as cores deste sistema eram claramente simbólico, sobretudo por serem tratadas como absolutas, ignorando-se as variações. Na heráldica a gama cromática é reduzida a seis cores originais: branco (prata), amarelo (ouro), vermelho (goles), preto (sable), azul (azur) e verde (sinople); as quais se acrescentou uma sétima cor, o cinzento violáceo (púrpura). (CHAGAS, 2010, p. 39).

O homem se preocupou em classificar, ou seja, conceituar as cores e para isso foi necessário utilizar o processo subjetivo, atribuindo conceito, nomes. Vale ressaltar que a cor em sua totalidade possui diferentes significâncias e classificações que são traduzidas por nomenclaturas para cada cultura. A cor sempre esteve no cotidiano da humanidade, sua simbologia está associada a uma gama de significados que se perpetua ao longo do tempo e sempre esteve ligada ao desenvolvimento sociocultural das sociedades. Pedrosa (1989, p.99) alude:

Em todas as épocas, as sociedades organizadas sempre tiveram seus códigos completos, ou certos elementos de uma simbologia das cores, atribuindo-lhes frequentemente caráter mágico. A variedade de significados de cada cor ao longo dos tempos está intimamente ligada ao nível de desenvolvimento social e cultural das sociedades que os criam.

A fusão das três etnias na formação brasileira tornou o gosto pela cor, mestiço, onde os padrões dos invasores (europeus) se entrelaçaram aos dos negros e indígenas, tornando-se em estilo próprio e original. Segundo Pedrosa (1989), do confronto dos três elementos étnicos fundamentais da população brasileira surgiu um gosto estético que cada vez mais se distancia do gosto de cada grupo original. No tocante a cor, os padrões dominantes do gosto europeu se deixaram influenciar pelos negros e indígenas, o que gerou um gosto caracteristicamente mestiço diferenciado dos demais povos residindo neste, o núcleo de sua originalidade.

Durante o ritual do Baião de Princesas foi possível perceber quando as *vodunsis* incorporadas com suas encantadas entram no salão, que ambas estavam

R. Bibliomar, São Luís, v. 18, n. 2, p. 78-95, jul./dez. 2019.

'paramentadas' com suas respectivas indumentárias e suas cores. Cada uma das entidades possuía um estilo de cor próprio. Percebeu-se a presença das cores branca, azul, rosa, amarelo, verde e vermelho. Pai Euclides, babalorixá da Casa Fanti-Ashanti, em entrevista concedida em 2012 comentou que: “Cada entidade tem a sua cor preferida de acordo com seu país, seu estado, então elas começam a usar as cores nesse sentido.”. Na pesquisa, observou-se o uso de saias estampadas e predominam motivos florais, segundo a simbologia cromática, cada cor tem seu significado.

A cor laranja presente na saia da *vodunsi*, representa para Nunes (1993) uma cor energizadora. Pedrosa (2009) explica que do ponto de vista místico, o laranja é fruto do ouro-celeste, na direção da revelação do amor divino.

A cor laranja é quente, sendo a mistura exata entre o amarelo e o vermelho. É uma cor ativa que significa movimento e espontaneidade. Cor do sucesso, da agilidade mental, e da prosperidade. Para Rousseau (1980), simboliza encorajamento, estímulo, robustez, atração, gentileza, cordialidade, tolerância e prosperidade. O laranja é também a cor da comunicação, do calor afetivo, do equilíbrio, da segurança, da confiança. É cor das pessoas que creem que tudo é possível, estimulando o otimismo, generosidade, entusiasmo.

De acordo com Souza (2009, p. 15) “[...] muito mais que o vermelho, transmite irradiação e expansão. É uma cor quente que transmite efervescência e fogo, que sugere intimidade e calor.”, conforme vista na vestimenta da *vodunsi* com saia laranja (Figura 3).

Figura 3 - Baião de Princesas.



Fonte: Os autores.

A partir das observações do ritual, constatou-se que cada *vodunsi* possuía um *Banté* (um tecido de cetim ou ceda que vêm pintados ou bordados com flores ou borboletas) que se apresentam nas seguintes cores: amarelo, branco, rosa e azul. Sobre a cor rosa, Rousseau (1980, p. 123-124):

O rosa é como o amor e a sabedoria. O rosa tem um significado feminino como a flor que ostenta a sua cor. Rosa é o ideal feminino, sempre impulsionou profundamente a humanidade. Suas proporções harmoniosas, suas cores delicadas e frescas, que lembram a pele de crianças e das moças ou um belo céu da aurora, seu perfume penetrante, o tecido delicado do qual são feitas as suas pétalas, tudo isso indica essa flor para se tornar um símbolo da beleza e, mais especificamente - com a graça aliando-se a beleza - da beleza feminina idealizada. A rosa, portanto, é naturalmente um emblema da mulher ideal, da mulher celeste, ela é a imagem da virgem Maria, rainha do jardim de Deus.

A Figura 4 mostra uma encantada do Baião de Princesas com *banté* cor de rosa no salão dançando.

Figura 4 - Baião de Princesas.



Fonte: Os autores.

Analisando a cor rosa, percebe-se que ela está presente em quase todo o ritual, desde a decoração dos altares, do *banté* das *filhas de santo*, das cortinas. Até mesmo nas saias das dançantes é uma cor viva é graciosa e bem feminina e o Dicionário de Símbolos (2019, não paginado) realça:

Rosa, no Ocidente, é uma das cores usadas para expressar feminilidade. É por isso que as meninas bebês costumam ser vestidas com essa cor, que carregada beleza e delicadeza, características que estão associados ao gênero feminino.

É uma cor cheia de magia e de inocência. Isso porque marca presença nos contos de fadas e de princesas. Além de transmitir feminilidade, o cor-de-rosa também simboliza romantismo, especialmente o rosa-claro, visto que rosa escuro (também chamado de *pink*) transmite sensualidade

A Figura 5 ilustra o altar do Baião de Princesas decorado com tecido cor de rosa, com todo um cuidado com a distribuição das cores.

Figura 5 - Baião de Princesas.



Fonte: Os autores.

A cor amarela nas religiões de matriz africana é representada pelo orixá *Oxun* no candomblé e no Tambor de Mina como *Vodun Azem*. De acordo com Ferreira (1997, p. 100):

Dos iorubas é feminina por excelência [...] é essencialmente as divindades das mulheres e preside as funções fisiológicas femininas: a menstruação, a gravidez, o parto, a gestação, o nascimento, a fecundidade e a riqueza. *Oxun* ama as crianças como ninguém, *Oxum* é a mulher menina que gosta de brincar com bonecas, nada recusa e nunca se enfurece, é dona do ouro é bastante calma, é a rainha da sociedade das mulheres.

Assim como a cor rosa, o amarelo também representa essencialmente a feminilidade.

Assim como a cor rosa, o amarelo também representa essencialmente a feminilidade e para Ombala Tumbansi (2019, não paginado) “O AMARELO: é um valor complementar entre os *Igbo*. Essa cor representa a paz, a serenidade, a fortuna, a fertilidade, a eternidade, mas também o declínio, o anúncio da morte.”.

Outra cor presente no ritual é o verde. Esta cor estava presente na saia de uma *vodunsi* e chamou muito a atenção das pessoas ali presentes quando a filha de santo rodopiava, pois é uma cor vibrante e viva conforme a *vodunsi* com *banté* de cor amarelo (Figura 6).

Figura 6 - Baião de Princesas.



Fonte: Os autores.

Rousseau (1980) ressalta que o verde é a personificação da própria Natureza, não como força atuante, mas como força atuada. Ela é o aspecto feminino da Natureza: a Mãe e a nutriz, pois concebe o Amor, princípio de todos os seres. Seu culto, portanto, reúne o de todas as divindades femininas e “[...] representa a crença, o nascimento, a virilidade.” (OMBALA TUMBANSI, 2019, não paginado), observada uma *vodunsi* com saia verde na Figura 7.

Figura 7 - Baião de Princesas.



Fonte: Os autores.

Para Pedrosa (2009, p.123) “O verde é o ponto ideal de equilíbrio da mistura do amarelo com o azul.” e:

[...] o verde absoluto é a cor mais calma que existe. [...]. Não se acompanha nem de alegria, nem de tristeza, nem de paixão. Não solicita nada, não lança nenhum apelo. [...]. A passividade é o caráter dominante do verde absoluto, mas esta passividade se perfuma de unção, de contentamento de si mesmo. (KANDINSKY, 1954, p.67 apud PEDROSA, 2009, p. 124).

O branco é outra cor presente no ritual, além de estar nas blusas de todas as *vodunsis* e em alguns *banté*, pois é uma cor presente em todas as religiões. Segundo Rousseau (1980), o branco, ao exprimir a unidade e a divindade, exprime ao mesmo tempo a totalidade dos conhecimentos, a ciência última, a verdade e a sabedoria. Se o branco é a cor da ciência divina e do conhecimento integral, traduz ao mesmo tempo ideias de consciência moral, de pureza, de integridade. Na Figura 8, encantada com *banté* de cor branca.

Figura 8 - Baião de Princesas.



Fonte: Os autores.

Outra cor que quase passou despercebida e que foi observado durante o ritual, a *vodunsi* com fita vermelha. Difícil imaginar que o vermelho pudesse passar despercebido, mas nessa festa colorida, não estava destacado. Essa cor estava em uma fita que servia para amarrar a manta de contas de uma encantada (Figura 9).

Figura 9 - Baião de Princesas.



Fonte: Os autores.

Para Dondis (2003) o vermelho significa perigo, amor, calor, vida e para Ombala Tumbasi (2019, não paginado):

O VERMELHO: o símbolo é ambivalente, pois representa o sangue, o fogo, o sol (e o calor), mas também a reintegração de um ser marginal, a fecundidade e o poder. O vermelho mais escuro representa as forças agressivas e o sangue impuro. É fabricado com ajuda de substâncias minerais, sacrificiais (em sua origem, uma noz de cola mastigada).

As cores das indumentárias das encantadas não obedecem a um rígido esquema de composição e uso no ritual. A escolha das cores fica a critério das entidades, como fala Pai Euclides em entrevista de 15 de fevereiro de 2013, ao perguntarmos se as cores simbolizam alguma coisa no ritual, ele respondeu que: *“Não! Cada entidade tem a sua cor preferida de acordo com seu país, seu estado, não sei o que, então elas começam a usas as cores nesse sentido.”*. Em contrapartida, as demais manifestações como o Candomblé e Tambor de Mina segue um esquema no uso da cor, nada é aleatório. Segundo Pai Euclides na mesma entrevista, justificando a importância cromática em outros rituais como o Candomblé e Mina, diz:

*Bom, na festa do baião, eu não vejo importância, como eu falei antes é uma questão é uma escolha delas né, agora quando se passa por uma outra vertente no Tambor de Mina ou no Candomblé, as cores são direcionada a cada divindade, cada divindade tem a sua cor preferida.*

Ao observar o ritual percebe-se uma grande harmonia cromática, tornando a festa bastante colorida. Esse jogo de cores tornou-se primordial para encantar os presentes – os que já são de lá [da Casa] e os que vão prestigiar a festa - a celebração do Baião de Princesas.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nessa pesquisa foi feito um estudo cromático do Baião de Princesas, buscando explicitar o processo do rito e compreender a presença das cores que estavam presentes na festa, objetivando o estabelecimento de conexões entre cor e as práticas em terreiro no intuito de inserir as visualidades do ritual no conteúdo de Arte por meio do estudo dos fundamentos da linguagem visual. Tornou-se necessário percorrer os caminhos históricos para se entender o ritual do Baião de Princesas da *Casa Fanti-Ashanti* em sua totalidade. Foi primordial buscar o referencial histórico dos *terreiros* onde ocorreu o Baião de Princesas. Ressalta-se que não foi citado o *Terreiro* do Egito na discussão, mas vale mencionar que esse

Terreiro [do Egito] foi percussor do Baião e dele derivou a *Casa Fanti-Ashanti* - casa que ainda é a única que realiza o ritual Baião de Princesas nos moldes do *terreiro* [do Egito] já extinto. A *Casa Fanti-Ashanti* é uma mantenedora dos preceitos do *Tambor de Mina*, do Candomblé e rituais singulares e é detentora das tradições como: o canto, a dança, os toques, símbolos, valores de uma religião que veio de África e vem resistindo pela força de suas raízes até hoje.

A pesquisa percorre as nuances da religião de matriz africana, onde se pretendeu fazer um apanhado das cores e sua simbologia por meio do Baião de Princesas, na *Casa Fanti-Ashanti, Terreiro* no qual a pesquisa foi realizada e onde se fez um breve estudo da casa, rituais e calendários festivos. Relacionando a cor no ritual supracitado, é possível criar estratégias para desenvolver atividades de arte com a cultura e religião de matriz africana no intuito de romper com a construção preconceituosa que se tem sobre os povos afro-diaspóricos e sua cultura. Embora se tenha abordado apenas a cor como elemento de coesão entre arte e religião, inúmeras outras possibilidades de leitura da realidade se oferecem como Artes Cênicas (Dança, Música), Teatro e Artes Visuais, sobretudo, de som e imagem - presentes no processo ritualístico da festa. Cabe ressaltar que as cores foram abordadas com o olhar das teorias e não a partir do que as entidades tomam para si o significado. Apenas se tem o que disse Pai Euclides sobre as entidades escolherem a cor de sua preferência. Com isso, ainda cabem estudos sobre a cor a partir da visão das entidades. Não apenas o significado, mas a função operada pela cor no universo afro-diaspórico.

No currículo da educação básica, no tocante ao ensino de Artes Visuais, traz o conteúdo fundamentos da linguagem visual. Conforme preconiza a legislação (BRASIL, 2003; MARANHÃO, 2017), nesse currículo deve ser inserida a cultura e a história afro-diaspórica. Nesse sentido, e com base na educação em terreiro (MATTOS, 2018), realizou-se pesquisa sobre a cor nas indumentárias usadas pelas dançantes (*vodunsis*) da *Casa Fanti-Ashanti* na festa Baião de Princesas, no intuito de inserir a visualidade das práticas rituais de terreiro no conteúdo da disciplina Arte.

As conclusões da pesquisa apontam para a possibilidade de inserção da visualidade africanas a partir das indumentárias do ritual Baião de Princesas por apresentarem uma diversidade do colorido, o que torna possível que essas práticas possam ser inseridas no

conteúdo da disciplina Arte (fundamentos da linguagem visual - no estudo das cores) no currículo da educação básica (conforme Lei 10.639/2003; MARANHÃO, 2017).

Esse ritual é realizado na *Casa Fanti-Ashanti* no dia 13 de dezembro, aniversário do extinto *Terreiro* do Egito e festa de Santa Luzia. Procurou-se então, descrever o processo ritualístico realizado em 2012, destacando-se o rito e principalmente as indumentárias e decoração da festa, focando no universo da cor e seu significado.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 26 nov. 2019.

CHAGAS, Daniela Álvaro. **Cor e conservação**: As intervenções cromáticas no *Terreiro* do Paço. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2010.

DICIONÁRIO de símbolos. Significado da cor rosa. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/significado-cor-rosa/>. Acessado em: 22 jun. 2019.

DONDIS, A. Donis. **Sintaxe da linguagem visual**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, Euclides Menezes. **Tambor de Mina em Conserva**. Casa Fanti-Ashanti 1997, São Luís – MA.

FERREIRA, Euclides Menezes. **Entrevista**, data: 15 fev. 2013.

MACHADO, Claudete Nascimento; ARAÚJO, Patrick F. de. Ações e experimentos artísticos na Amazônia amapaense: produção de sujeitos que se autodeclararam "artistas de terreiro". **Revista da ABPN**, Uberlândia, v. 11, n. 27, p. 139-152, nov. 2018/fev. 2019.

MARANHÃO. **Escola digna – plano mais IDEB**: programa de fortalecimento do ensino médio: orientações curriculares para o ensino médio: caderno de arte. Secretaria de Estado da Educação. São Luís, 2017.

MATTOS, Nelma Cristina Silva Barbosa de. Arte afro-brasileira: contraponto da produção visual no Brasil. **Revista da ABPN**, Uberlândia, v. 11, n. 27, p. 165-183, nov. 2018/fev. 2019.

NUNES, René. **Cromoterapia aplicada**. 5. ed. Brasília, DF: [s.n.], 1993.

OMBALA TUMBANSI. **À propósito das máscaras**. Disponível em: <http://inzotumbansi.org/home/a-proposito-das-mascaras-traducao-livre-de-tata-kisaba-kiundundulu/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. 1. ed. Brasília, DF: Léo Christiano Editorial, 1989.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. 10. ed. Brasília, DF: Léo Christiano Editorial, 2009.

ROUSSEAU, René-Lucien. **A linguagem das cores**. São Paulo: Editora pensamento, 1980.

SOUZA, Tiago Caetano da Silva. **O comportamento infantil frente ao consumo**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF, 2009.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Trad. de Nancy Campi de Castro e Ricardo A. Rosenbusch. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Coleção Antropologia).